

Referência bibliográfica:

MOLINA, L. Polifonia em torno do gênero. In: CORRÊA, Liciane Guimarães; JORDÃO, Adriana.. (Org.). *Distopias podem salvar o mundo? Reflexões sobre O conto da aia*. 1ed.: , 2024, v. , p. 107-121.

Polifonia em torno do gênero em *O conto da aia*, de Margaret Atwood

Luciana Molina¹

O conto da aia, distopia já clássica de Margaret Atwood, foi indicado como leitura para o exame no vestibular da Uerj de 2025. A importância da escolha desse livro como leitura para ingresso na universidade não advém apenas do fato de Margaret Atwood ser uma escritora mulher e tampouco apenas do fato de centrar a história em torno das questões de gênero, mas também pela complexidade narrativa de *O conto da aia*, que, justamente por não ser um livro panfletário, mas ainda assim preenche de questões políticas e sociais, suscita discordâncias inclusive na crítica que se dedicou a discutir a obra.

Embora me pareça bastante evidente que a autora tenha claras intenções de alertar para os problemas derivados da desigualdade de gênero, é possível constatar quem lhe censure por conta de escolhas formais em particular no enredo na obra, que seriam supostamente “conservadoras”, e corroborariam subterraneamente para a construção do patriarcalismo e do machismo².

Argumento neste texto que essa leitura passa longe da complexidade da obra construída por Atwood, apoiando-se em uma visão simplista do enredo que credita excessiva importância à protagonista Offred como fator decisivo para a conveniência da obra para as questões de gênero.

Embora Offred narre, ela não é a única perspectiva de gênero representada na obra. Para além de também vermos em maior detalhe a visão de um historiador homem que ministra uma palestra em torno da então extinta sociedade de Gilead, há uma série de outras personagens, dentre femininas e masculinas, que veiculam visões de gênero contraditórias. A isso chamamos polifonia, seguindo o conceito cunhado por Bakhtin em

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, na área de concentração Teoria e Crítica Literária. Durante o doutorado, foi pesquisadora visitante na University of Alberta, com bolsa do Emerging Leaders in the Americas Program (ELAP), e na Stanford University, com bolsa CAPES PDSE. É autora do livro *A arte nova e o novo na arte na estética de Adorno*, publicado em 2022 pela Editora Dialética. Atualmente é professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação na Secretaria do Estado do Espírito Santo.

² O artigo de Sandra Tomc “*The Missionary Position*”: *Feminism and Nationalism in Margaret Atwood’s The Handmaid’s Tale* (1993), não só faz objeções nesse sentido como também recupera e sintetiza outras leituras que sugerem que o romance de Atwood contemporiza com uma visão patriarcal do mundo.

seu ensaio *Problemas da poética de Dostoiévski*. O que sugiro aqui é que a polifonia desenvolvida pela autora nos leva a problematizações da questão de gênero.

Embora Atwood possa ser chamada de feminista, talvez a obra em si mesma não o seja e nem precise ser. E é nisso que consiste seu mérito. Embora a pauta feminista não seja passível de ser inferida de uma obra de ficção, é indiscutível que *O conto da aia* apresenta o patriarcalismo e o estado totalitário como problemáticos, pois ambos são ironizados criticamente no conjunto da obra.

A complexidade da escrita de Atwood pode ser analisada a partir de categorias clássicas da narratologia, tais como foco narrativo e personagens. É a partir dessas escolhas formais que surge a polifonia em torno da questão de gênero, como pretendo mostrar ao longo deste texto. É importante destacar esses aspectos porque, assim, reconhecemos o mérito da construção narrativa da autora.

Ironia e metaficção historiográfica

A teórica da literatura Linda Hutcheon, em sua obra *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção* (1991), cunhou um conceito em relação com a estética pós-modernista que cabe como uma luva na estilística de Atwood: sua obra consiste em uma metaficção historiográfica, a partir da qual ela reflete sobre a historicidade das relações de gênero e sua mutabilidade ao longo do tempo. Esse efetivamente é um dos trunfos do formato: fazer refletir criticamente sobre as condições de possibilidade da narrativa historiográfica e também sobre o modo pelo qual seres humanos vivem em um determinado tempo histórico.

Convencionou-se historicizar o feminismo a partir de ondas no século XX e XXI, justamente para assinalar pautas distintas ao longo do tempo. A consciência do papel de gênero que mulheres ocupavam no passado contribui para entendermos a importância das mudanças nas pautas feministas, assim como a necessidade de defender de maneira aguerrida os direitos anteriormente conquistados. Essa consciência histórica também é evocada pela construção do romance, que alterna entre *flashbacks* da vida matrimonial feliz de Offred, *flashbacks* do progressivo golpe de estado que deu origem à Gilead, o tempo no qual transcorrem os eventos principais narrados em *O conto da aia* e, finalmente, o *flashforward* de 200 anos com as opiniões de um palestrante acerca do relato, prof. James Darcy Pieixoto, que é assistido por uma plateia diversa do ponto de vista do gênero.

Concordo com a leitura que faz Gonçalves (2022), ao destacar as diversas camadas de ironia na composição do romance, em particular ao contrastar a visão de uma mulher sofrendo nesse regime e a opinião de um homem de um período dois séculos à frente. Uma das funções da opinião do especialista é, por um lado, exercer um contraponto em relação ao olhar mergulhado em seu próprio tempo de Offred. O outro aspecto que sobressai é a função de sátira, pois o olhar do acadêmico soa insensível ou mesmo pueril diante dos problemas vividos em primeira pessoa pela aia. Esse distanciamento histórico é o que permite que ele faça piadas sobre eventos vividos de maneira trágica pelos contemporâneos de Gilead.

Uma recuperação de discussões em torno da identidade e da personagem feminina como encontramos na tradição da discussão feminista e de gênero será necessária para compreender como se estabelece a relação entre a narradora e as demais personagens. Como buscarei mostrar, o foco narrativo na personagem Offred e o modo pelo qual sua personalidade é apresentada por meio de opiniões e atitudes reforçam o caráter irônico do texto, pois o olhar de Offred é frequentemente questionado, criticado e problematizado pelas outras vozes que compõem o romance.

A obra é irônica e, em razão disso, não oferece um fechamento para seu sentido interpretativo. Tanto melhor: o jogo interpretativo estimulado pela narrativa de Atwood é um no qual o leitor necessariamente precisa se envolver. A interpretação demandada do leitor é ativa, e não passiva. E justamente por isso é uma obra formativa, que efetivamente corrobora a construção da atividade da leitura crítica.

Polifonia de gênero

Publicado em 1985, ou seja, já com uma longevidade de quase quarenta anos, *O conto da aia* é um romance da escritora canadense Margaret Atwood que coloca no centro de suas indagações a condição feminina. Majoritariamente narrado em primeira pessoa por uma aia, isto é, uma mulher com função reprodutiva, chamada Offred (ou June, na adaptação para a tevê), permite que observemos o funcionamento de um estado totalitário intitulado Gilead.

A esta altura, poderia formular duas perguntas para serem pano de fundo da discussão, sem que eu pretenda efetivamente respondê-las: *O conto da aia* é um romance feminista? E o que seria um romance feminista?

Polifonia é um conceito da teoria da literatura cunhado por Bakhtin para discutir elementos na obra de um autor clássico do século XIX, Fiódor Dostoiévski. Mas parece ter servido como princípio construtivo para a escritora canadense, que deliberadamente construiu uma história em que o feminino é explorado por diferentes perspectivas. Há, por trás dessa estratégia, um mergulho cuidadoso na diversidade humana.

O veio explorado por Atwood também parece ser uma forma astuta de mostrar que a condição da mulher é variável ao longo de uma mesma sociedade. O regime ficcional representado no romance mostra como as mulheres podem ser oprimidas e infelizes de formas diversas, pois, embora as aias sejam submetidas ao destino de ter relações sexuais e parir de maneira compulsória, tampouco é feliz a mulher do comandante a quem Offred é designada, Serena Joy, que precisa observar seu próprio marido tendo relações sexuais com a aia. Aliás, o nome Serena Joy, que remete à calma e alegria no original em língua inglesa, não poderia ser mais avesso ao estado de perturbação mental e aflição dessa mulher. Em outros casos, o destino de uma mulher talvez pudesse ser ainda pior que o das mulheres dos comandantes e o das aias, pois algumas eram levadas aos campos de concentração com trabalho forçado nas colônias, depósitos de lixo tóxico.

Diante da diversidade do feminino apresentada em *O conto da aia*, indico rapidamente algumas semelhanças entre a abordagem desse romance e o que ocorre com a construção da obra *A odisseia de Penélope* (2005), que Atwood publicou cerca de vinte anos mais tarde.

Mais uma vez, a autora canadense ironiza a narrativa historiográfica e destaca o perspectivismo da narração. Gilead é mostrada pela perspectiva da aia Offred da mesma forma que a *Odisseia* é recontada pela perspectiva feminina de Penélope, a esposa de Odisseu que pacientemente aguardou o retorno do herói da Guerra de Troia.

Embora Penélope conste no título, que no original em inglês é *The Penelopiad*,³ sabe-se que há também discrepância entre o olhar de Penélope, uma mulher pertencente à nobreza, e o olhar das mulheres escravas que são enforcadas na *Odisseia* homérica por serem consideradas traidoras de Odisseu e de Ítaca. *A odisseia de Penélope* alterna entre focar na rainha e focar nas escravas. Está claro que não é intenção de Atwood ontologizar o feminino, heroizá-lo ou colocá-lo no papel de vítima ou do bom-mocismo. Penélope

³ Veja também a discussão que Élvio Cotrim levanta sobre o título da edição brasileira da obra, na p. xx desta edição. (N. da E.)

é oprimida por ser mulher, mas ela própria oprime as mulheres que se encontram em uma classe social diferente da sua. O mesmo ocorre com Serena Joy, que deve subserviência ao marido e aos costumes dessa sociedade distópica, mas que ao mesmo tempo tem autoridade em relação à aia, à martha (empregada doméstica) e aos outros empregados sob seu domínio. Gilead ainda é uma sociedade de classes. Assim, a mulher do comandante tem ainda certos poderes em relação a homens de posição social inferior.

Desse modo, é possível perceber que Offred só prepondera como foco narrativo privilegiado, mas isso tampouco significa que sua perspectiva deva ser igualada à de Atwood ou mesmo ao de narradora absoluta do romance. Afinal, não é vão lembrar que o romance se constitui de duas partes, tendo, portanto, no mínimo uma contradição entre a narrativa de Offred e a palestra do historiador. Mas, para além disso, é importante constatar que essa polifonia também surge das falas e do comportamento dos demais personagens da narrativa.

A sociedade de Gilead é complexa. As mulheres não só se encontram em papéis distintos como também apresentam particularidades específicas. A esquematização da sociedade totalitária que de antemão fornece papéis para o feminino é na verdade ironizada pela narrativa. Nenhum sujeito pode ser inteiramente subsumido a um papel. E tampouco uma personagem que se pretenda complexa.

O nome “Offred” não só indica o pertencimento da aia a um homem cujo nome deriva de Fred, mas também anuncia uma função na qual as várias mulheres se tornam bens permutáveis. A Offred que narra *O conto de aia* é a sucessora de diversas outras mulheres que também desempenharam a mesma função, com o mesmo nome. O papel, implícito na alcunha, retira a humanidade que ela só pode retomar ao insistir em seu nome próprio através da narração da história vivida em primeira pessoa.

A categoria de personagem na crítica feminista

Em sua obra seminal, *O segundo sexo* (2016), Simone de Beauvoir, que nos deixou obras de filosofia e de ficção literária, apresenta uma longa reflexão dedicada às mulheres representadas por alguns autores da literatura francesa clássica, tais como Breton, Stendhal, Claudel, dentre outros.

Partindo do existencialismo, a filósofa compreende que muitas dessas representações clássicas são inadequadas porque enaltecem ou execram a mulher a partir de estereótipos. Em contrapartida, o que Beauvoir considera mais rico do ponto de vista

literário consiste em retratar a mulher como um ser humano de carne e osso. Um ser humano individualizado, que erra e acerta.

Outra leitura crítica da literatura que valeria a pena citar é a de Judith Butler para a obra de Sófocles, que ocorre em *O clamor de Antígona* (2014). Butler inicia sua análise recuperando o modo como feministas têm lido *Antígona* a partir da capacidade das mulheres de se rebelarem contra o Estado. Isso nos interessa aqui porque Gilead é um Estado totalitário e rebelar-se (ou não) no interior dele é de suma importância nos eventos da narrativa e no desenvolvimento das personagens centrais. Não é vão lembrar que *Antígona*, a obra analisada por Butler, também encerra perspectivas distintas da personagem feminina, pois, se Antígona se rebela, Ismene, sua irmã, encontra-se paralisada pelo autoritarismo do tio Creonte, justificando sua inação como advinda justamente da sua condição de mulher.⁴

Assim como em *Antígona* há dissonância entre as perspectivas de como uma mulher deve proceder diante da injustiça, a construção de uma polissemia também é de vital importância na obra de Margaret Atwood. O que as mulheres pensam e fazem é diversificado ao longo da trama. Nesse sentido, não há razões para considerar o ponto de vista de Offred como aquele que dá a palavra final sobre as questões de gênero.

A partir dessa comparação entre a posição das análises críticas da literatura feitas por Beauvoir e Butler, talvez seja possível extrair um preceito: as mulheres da realidade distinguem-se entre si. As mulheres da ficção também devem distinguir-se.

A tomada de consciência das mulheres em torno dos seus grilhões e a força para questioná-los não é algo que ocorre naturalmente para todas as mulheres. A ideologia patriarcal é quase onipresente na sociedade de Gilead, e todas as aias, mas não só elas, passam por uma educação minuciosa que leva à interiorização da cultura de submissão. Tia Lydia, a maior antagonista mulher das aias, é sem dúvida um símbolo de como as mulheres podem se tornar elas próprias colaboradoras de um regime que as oprime. A conscientização deve ser praticada, portanto, como um trabalho de contra-hegemonia.

O romance em seu conjunto é, sim, um trabalho contra-hegemônico, a partir do qual a ideologia patriarcal é questionada e ironizada. No entanto, para fazê-lo, é necessário se apropriar de diversas vozes ideológicas, inclusive aquela do machismo e do patriarcalismo.

⁴ Para uma leitura da recepção de *Antígona* que também passa por questões de gênero, é possível ler meu artigo “O que aconteceu aos herdeiros de Édipo?” *A recepção clássica e a crítica à psicanálise na leitura de Judith Butler de Antígona* (Molina, 2022).

O efeito da diversidade feminina é a polifonia em torno do gênero

São muitas as tensões construídas entre Offred e outras personagens da narrativa. Poderíamos, por exemplo, analisar o papel das tias como antagonistas e algozes. Afinal, trata-se de reconhecer que mesmo mulheres foram mantenedoras do Estado de Gilead. No entanto, gostaria de dar mais atenção aqui à tensão que ocorre entre Offred, antes de ser aia, e sua mãe, que encarnam perspectivas geracionais distintas em torno do gênero.

Como já foi mencionado, a narração de Offred compreende ao menos três temporalidades distintas: momentos tranquilos do cotidiano anterior ao golpe de Estado, as primeiras perdas de direitos das mulheres que antecederam a instalação de Gilead e, por fim, os eventos transcorridos a partir do momento em que Offred passa a morar na casa do comandante e de Serena Joy.

Por meio de inúmeros *flashbacks*, temos um relance de como era a vida antes da revolução que deu origem ao tempo presente na narrativa. Trata-se de um mundo em que as mulheres tinham maior liberdade laboral, financeira e sexual. Os primeiros golpes na vida de Offred são a perda do emprego e a impossibilidade de usar seu próprio cartão de crédito.

Só conhecemos a mãe de Offred através de *flashbacks* de uma vida anterior. E alguns dos elementos mais significativos trazidos para caracterizá-la dizem respeito às ideias que apresentava em torno da questão de gênero. Desde a infância da narradora, a mãe atuava como militante feminista. Uma das cenas mostradas no passado mostra a mãe queimando revistas femininas com colegas da política.

As memórias narradas parecem revelar a própria ingenuidade acrítica de Offred no mundo pré-Gilead, pois parecia considerar normal ridicularizar sua mãe em cumplicidade com Luke, seu marido, que reivindicava visões estereotipadas e deterministas de gênero:

[...] Luke estava na parte lateral da loja, fora de vista, no balcão de carnes. Ele gostava de escolher o que iríamos comer durante a semana. Dizia que homens precisavam mais de carne do que mulheres e que isso não era uma superstição e que não estava sendo um idiota, que estudos haviam sido feitos. Existem algumas diferenças, dizia. Ele gostava de dizer isso, como se eu estivesse tentando provar que não existiam. Mas na maioria das vezes dizia isso quando minha mãe estava lá. Ele gostava de provocá-la (Atwood, 2017, p. 115).

Luke e Offred são tão modernos que, a partir da ciência, dispensavam as ideias antiquadas sobre feminismo da mãe da narradora. Diante do desenvolvimento dos eventos, trata-se de uma ironia amarga, pois sua progenitora, ridicularizada pela militância exagerada, ainda se mantinha alerta para o machismo subjacente ao golpe de Estado que deu início à era de Gilead. Offred efetivamente não é uma porta-voz do feminismo, mas antes uma mulher que demonstrava alienação política e que descobriu a duras penas o que ocorre quando a sociedade cede às ideias de desigualdade e opressão. Nesse sentido, encarna a mulher comum que passa a sofrer pelas privações e injustiças do Estado patriarcal e totalitário.

Formas de rebelar-se em um Estado totalitário

A pesquisadora Sandra Tomc (1993) assevera que a perspectiva feminista do romance se limita a reivindicar liberdade de consciência a partir de Offred. A personagem, de resto, pouco se rebela para questionar Gilead. Pode-se argumentar que o foco narrativo em Offred e sua relativa passividade apenas capta com mais severidade o terror de viver sob um Estado totalitário.

Assim, ao discutir as formas de rebelar-se no nazismo em sua obra *Eichmann em Jerusalém*, Hannah Arendt compartilha a seguinte análise:

Basta mencionar aqui, de passagem, a chamada “emigração interna” da Alemanha – aquelas pessoas que muitas vezes tinham postos, até altos postos, no Terceiro Reich e que, depois do fim da guerra, disseram a si mesmas e ao mundo em geral que tinham sido sempre “internamente opostas” ao regime. A questão aqui não é saber se estão ou não dizendo a verdade; a questão é, ao contrário, que nenhum segredo, na atmosfera cheia de segredos do regime de Hitler, foi tão bem guardado quanto essa “oposição interna”. Isso era quase de se esperar nas condições do terror nazista; como me disse um conhecido “emigrante interno”, que certamente acreditava na própria sinceridade, eles tinham de parecer “externamente” mais nazistas que o nazista comum a fim de manter seu segredo (Arendt, 1999, p. 133).

É extremamente difícil se contrapor ao totalitarismo, pois qualquer insurreição individual seria imediata e facilmente reprimida, e o rebelde tenderia a pagar com sua própria vida. Por isso muitos dos oprimidos buscavam a todo custo parecer completamente adaptados ao Estado totalitário. Ao focar na narração de Offred, a autora nos permite saber que, em sua consciência, a personagem se rebela desde o começo de sua narrativa, ponderando inclusive as razões pelas quais escolheu se submeter a esse papel a fim de escapar da alternativa de ser enviada para as colônias e tentar sobreviver a

uma rotina de trabalhos forçados. Diversas outras personagens secundárias desaparecem ou são assassinadas na narrativa sob suspeita de traição. Assim, Offred vive para contar sua história. É bastante razoável supor que, se ela agisse com radicalismo desde o início, não seria sequer possível ter acesso à visão compartilhada em seu relato.

Em análises críticas da literatura, tenho insistido no conceito de utopia negativa, de Adorno, por acreditar que não é função de nenhuma obra de arte nos apresentar o ponto de chegada de uma sociedade feliz. Observemos um momento da *Teoria estética* em que o filósofo relaciona a utopia negativa ao romance malfadado de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare:

Em *Romeu e Julieta*, Shakespeare não enalteceu um amor sem a tutela familiar, mas, sem a nostalgia de um estado em que o amor não mais fosse mutilado e condenado pelo poder patriarcal ou por qualquer outro, a presença dos dois apaixonados não teria a doçura que os séculos não conseguiram superar – a utopia sem palavras e sem imagens (Adorno, 2008, p. 276).

É possível, portanto, arriscar o seguinte paralelo: quando Offred se envolve sexual e amorosamente com o motorista Nick, ela retoma para si o domínio de sua própria sexualidade, reprimida pelo Estado totalitário. Nesse sentido, mesmo na relação com Nick, aspectos subversivos podem ser observados em comparação com a realidade distópica tornada regra em Gilead.

Aqui me oponho mais uma vez à leitura feita por Tomc (1993), que considera o romance entre Offred e Nick como derivado de um desfecho não só excessivamente comercial, mas também devedor de uma narrativa patriarcal. Não é vão lembrar que na ficção criada pela canadense o Estado determina inclusive questões de foro íntimo relacionadas à sexualidade, à construção da família e aos direitos reprodutivos. A aia apenas está autorizada a ter relações sexuais para dar filhos às famílias de maior poder e *status* social.

Diante disso, pode-se dizer que o romance inserido no arco da personagem não é sinal de submissão à figura masculina, e sim reapropriação de sua própria sexualidade e afetividade outrora reprimidas pelo Estado totalitário. Offred e Nick, contudo, não poderiam viver esse amor proibido por muito tempo sob Gilead, razão pela qual Offred acaba por fugir da casa do comandante⁵.

⁵ Embora o fim de Offred na trama apresente ambiguidades, tendo a considerar que, no momento em que ela narra sua história, está apartada da casa do comandante em razão de uma fuga orquestrada por Nick. A existência ou não da fuga, contudo, não é algo que examino de maneira pormenorizada neste texto e, a meu ver, tampouco afeta meu argumento em linhas gerais.

Gilead é um tempo e um lugar em que as mulheres não são emancipadas. O vislumbre de uma sociedade em que elas assim sejam é o que torna possível que, de dentro de uma distopia, surjam vislumbres utópicos de uma sociedade livre e justa.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. *A odisseia de Penélope*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. London: Vintage, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. *O Clamor de Antígona: parentesco entre vida e a morte*. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

GONÇALVES, Ana Letícia Barbosa de Faria. “A ironia e a crítica feminista de *The Handmaid's Tale*”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 2, e84815, 2023.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cmz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MOLINA, Luciana. “O que aconteceu aos herdeiros de Édipo?” A recepção clássica e a crítica à psicanálise na leitura de Judith Butler de Antígona. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, v. 24, 2002. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/agora/article/view/28030/20113>. Acesso em: 25 mar. 2024.

TOMC, Sandra. “The Missionary Position: Feminism and Nationalism in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*”. *Canadian Literature*, n. 138-139, p. 73-85, 1993. Disponível em: <https://ojs.library.ubc.ca/index.php/canlit/article/view/193527>. Acesso em: 25 mar. 2024.